



As línguas artificiais na formação dos contextos de distopias

Autor(es): Garcia, Karol Souza
Apresentador: Karol Stefanie Souza Garcia
Orientador: Isabella Ferreira Mozzillo
Revisor 1: Cíntia da Costa Alcântara
Revisor 2: Sílvia Costa Kurtz Dos Santos
Instituição: UFPel

Resumo:

Algumas obras têm como tema principal a antevisão de um futuro distópico, isto é, anti-revolucionário, onde a linguagem e os meios de comunicação são utilizados pelo estado totalitário como instrumento de alienação e controle da ordem vigente. O presente trabalho analisa o emprego da linguagem nas obras mais célebres acerca desse tema, com o intuito de compreender a importância do uso das línguas artificiais ou das línguas naturais utilizadas de forma artificial nos livros: 1984 (George Orwell); Admirável Mundo Novo (Aldous Huxley); Púbis Angelical (Manuel Puig); Laranja Mecânica (Anthony Burgess); e no filme Fahrenheit 45, de François Truffaut, adaptado do romance homônimo de Ray Bradbury. Dentre essas obras, apenas a de Orwell apresenta uma língua artificial assim designada pelo autor e desenvolvida através de apêndice. Por meio da análise morfológica e semântica dessa língua, foi possível constatar que a sua função não é acessória, pois representa as tentativas do autor de caracterizar o autoritarismo do estado fictício e de compará-lo com a estrutura social real. Em Laranja Mecânica, os termos artificiais compõem a narrativa do romance como elementos do idioleto de Alex, personagem principal da trama, e são denominados pelo próprio autor como linguagem Nadsat. Sob o aspecto morfológico, esses novos vocábulos se originam das línguas alemã e russa. Porém, diferentemente da Novilíngua, em Nadsat, a origem formal das palavras não influencia na formação do seu sentido. Logo, a leitura total dessa linguagem leva o leitor a compreendê-la como gíria de uma geração de jovens violentos, porém o entendimento aleatório das palavras que a constituem é possível apenas por meio do apêndice de tradução. Nas outras obras citadas há a atribuição de novos significados às palavras que já possuem um entendimento coletivo relativo a elas. No livro Púbis Angelical, por exemplo, o vocábulo vermelho é proibido de ser falado pelas chamadas moças de bem, já que designa socialismo, perdendo, então, todos os seus presumíveis significados já instituídos, tais como amor, sangue, guerra e paixão, para se restringir a uma só significação. Uma vez analisadas as linguagens dessas obras do ponto de vista morfológico e semântico, é possível afirmar que a caracterização dos ambientes de distopia depende de vocábulos artificiais que os designem e que estabeleçam relações, críticas ou não, com a sociedade e a linguagem reais e atuais.